



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
a Segunda Sessão da Cúpula de Líderes Progressistas**

Viña del Mar - Chile, 28 de março de 2009

Bem, Michelle, eu vou tentar ser sucinto, porque já há um consenso nesta mesa e um consenso no jantar de ontem à noite, de que todos nós estamos em um barco, em um mar revolto, e quem estava na cabine, na primeira classe, já está descendo para a segunda, quem estava na segunda, está descendo para a terceira. E neste momento nós não queremos discutir quem vai voltar para a primeira classe, mas evitar que os da terceira não caiam no mar, e morram afogados.

É uma crise diferente e, portanto, precisamos tratá-la de forma diferente. As crises que eu conheci, e eu conheci – crise quando estava no movimento sindical, conheci crise quando estava na oposição e conheço a crise quando estou no governo – são três crises diferentes. Quando a gente estava no movimento sindical, nós tínhamos a quem culpar. Quando estávamos na oposição, nós tínhamos a quem culpar. Agora, que estamos no governo, só podemos culpar os Estados Unidos, a Europa e nos fazermos de vítimas.

Mas, ao mesmo tempo, nós temos que trabalhar com a responsabilidade de que o problema não é de um ou de outro, de que o problema é de um modelo que se exauriu. E, nos nossos países, nós estamos sofrendo um momento que não temos nenhuma culpa. Esse é o dado e a tristeza.

Eu passei 20 anos sem ver a economia do meu país crescer, e na medida em que o Brasil começa a crescer, nós somos pegos de surpresa com uma crise. A primeira vez que eu debati a crise do *subprime*, eu estava na cidade do Panamá, em um encontro de empresários brasileiros e empresários do Panamá, quando surgiu um certo apavoramento nos empresários. Alguns, certamente, estavam investindo no *subprime*.



A verdade é que, de lá para cá, eu penso que não se tomou as medidas adequadas. Isso é como um carro andando a 100 [km] por hora. Se você pára a uns 200 metros de distância, você pára tranquilo, sem machucar ninguém e todo mundo está salvo. Mas se você deixa para breicar quando faltam 30 metros, você vai machucar quem está fora e quem está dentro do carro.

Então, essa crise do *subprime*, que deveria atingir apenas as pessoas que estavam envolvidas no *subprime*, é como uma breicada em cima da hora, ou seja, atingiu a nós, passageiros, que estávamos vivendo uma situação muito confortável na América do Sul.

Posso dizer, Gordon Brown, Zapatero – que nos conhece melhor e conhece o nosso continente – ao nosso companheiro da Noruega e ao vice-presidente americano, que há muitas décadas a América do Sul não vivia o momento que estava vivendo nos últimos anos. Primeiro, de fortalecimento da democracia. É muito forte a democracia no nosso continente. Às vezes entendida por alguém da Europa, que já conquistou isso há muitos anos, como uma coisa um pouco radical. Mas o que está acontecendo na América Latina, do ponto de vista da consagração da democracia, é uma coisa muito forte.

Essa democracia só pode ser construída porque também a economia dos países cresceu, e a economia cresceu diferente da década de 90, em que o bolo ficava cada vez maior, apenas poucos comiam aquele bolo, e a maioria das pessoas não comia nada.

Nós provamos uma coisa, na América Latina. Estamos provando agora, estamos mais difíceis, mas sobretudo na América do Sul – os países que estão aqui, e outros que não estão aqui – de que havia uma discussão econômica, uma teoria de que a única forma de você distribuir era a economia crescer. E nós defendíamos uma tese de que era possível crescer concomitantemente com o crescimento da economia. Ou seja, quem é que nasceu primeiro, o ovo ou a galinha?

Nós dizíamos: na hora em que começarmos a fazer política de



transferência de renda para os pobres, esses pobres irão virar consumidores, irão ao supermercado, irão à loja, virarão compradores de algum produto e as fábricas voltam a produzir. É por isso que no meu país, hoje, o setor que mais cresce a economia é exatamente a parte que há cinco anos era a mais pobre do País.

Bem, esse foi um exemplo que eu penso que toda a América do Sul seguiu. No mês em que estourou a crise no Brasil, no mês de julho, o Brasil tinha gerado... O Brasil, até outubro, tinha gerado 2 milhões e 100 mil empregos. Apenas em dezembro perdemos 600 mil empregos. Em janeiro também perdemos e agora começou a se normalizar. É importante lembrar que o desemprego nos países pobres é diferente dos países ricos, porque alguns países ricos têm uma rede de proteção social que muitos outros países não têm, então o trabalhador sofre mais.

Pois bem, como é que eu vejo, Michelle, a solução? Veja, antigamente, em todo o meu período de vida política, era a América do Sul em crise, o Brasil em crise, o FMI dando palpite na nossa economia, dizendo o que a gente tinha que fazer, que tinha que fazer ajuste fiscal, que tinha que fazer contenção de gasto, que tinha que fazer despesa. Era um inferno quando a gente via aquelas mulheres e aqueles homens do FMI descerem no aeroporto, no Brasil, dando palpite nas coisas que nós tínhamos que fazer. Eu acho que era humilhação. Na verdade, era uma certa humilhação.

Agora, é importante lembrar que talvez a deficiência não fosse do próprio FMI. Talvez a deficiência fosse dos nossos governantes, que não se respeitavam. E se não se respeitavam, ninguém respeita o interlocutor que não se respeita.

Pois bem, hoje nós temos uma crise, ela é profundamente forte nos países ricos. Sabemos que os Estados Unidos, sabemos que a Espanha, sabemos que a Alemanha e o Reino Unido não podem tomar medida priorizando o povo argentino, o povo brasileiro, o povo chileno, o povo do



Uruguai, antes de pensar no povo deles, que está com problemas também.

Então, o que eu acho, Michelle, que deveria ser feito? Veja, se os países ricos se normalizarem internamente, restabelecerem a confiança interna e restabelecerem o crédito interno e, portanto, (incompreensível) fará voltar o poder de consumo, já é razoável para nós. Se os países ricos, além de resolver os seus problemas internos, e a sociedade voltar a demandar produtos e a consumir, e além disso ajudarem no crédito do fluxo comercial, está ficando bom.

Se fizerem essas duas coisas, e ainda não permitirem que a remessa de lucro, ou a fuga de capitais se dirijam a títulos do Tesouro americano, em vez de se dirigirem a investimentos produtivos nos países emergentes, seria infinitamente melhor.

Se fizessem tudo isso e a gente ainda conseguisse fazer com que o mercado futuro tivesse o controle... Ou seja, se alguém quer comprar soja no mercado futuro, se alguém quer comprar petróleo no mercado futuro, que deposite uma quantidade de dinheiro no ato da compra para evitar a especulação que elevou o petróleo a US\$ 150 o barril, ou que levou a soja a valer mais que ouro, nos meses de maio, junho e julho do ano passado.

As regras vão ter que ser tomadas, porque eu tenho certeza que valem para o Reino Unido, para a Argentina, para o Chile, para a Noruega, para a Espanha, para o Uruguai, para o Brasil, para todo mundo. Ou seja, o sistema financeiro precisa ter compromisso com o setor produtivo.

Nenhum de nós aqui foi eleito defendendo banqueiros. Nenhum de nós. Todos nós, aqui, fizemos críticas aos que detinham muita renda, em detrimento dos mais pobres. Então, é apenas cumprir o nosso discurso. Não precisamos fazer nenhum milagre, nenhum esforço.

Eu vi a posse do presidente Obama, e eu disse ao Obama: “Pela televisão, eu nunca tinha visto a quantidade de pobres participando de uma posse de um presidente americano”.



Então, a responsabilidade de vocês é infinitamente maior com o público interno do que de qualquer outro presidente nas últimas décadas. E essa responsabilidade é uma coisa boa, porque a gente não tem que fazer tudo ao mesmo tempo. Nem na reunião do G-20 nós não temos como fazer tudo ao mesmo tempo. Cada um fala uma língua, cada um tem um problema interno diferenciado. O que nós precisamos é detectar o que é necessário fazer como coisa mais urgente.

Eu acho que duas coisas estão muito claras. Primeiro, fazer com que as instituições de financiamentos multilaterais tenham recursos para ajudar os países em desenvolvimento e os países mais pobres. Segundo, restabelecer o crédito. Nós temos que normalizar o crédito no mundo, fazer com que esse dinheiro volte a circular. É isso que nós queremos que aconteça. Se nós conseguirmos fazer essas duas coisas mais rapidamente, nós teremos mais fôlego para discutir uma terceira, uma quarta, uma quinta coisa. Eu vou com a convicção de que nós temos condições de mudar a lógica da economia mundial.

Gordon Brown, meu caro amigo, meu velho Zapatero, meu caro Joe Biden, lamentavelmente, meu caro Jens, lamentavelmente, vocês têm mais responsabilidade, porque sempre a locomotiva tem mais responsabilidade do que o vagão. Sempre. E quem é mais rico paga um preço um pouco maior. Porque, veja, eu fico (incompreensível) com esses bancos. O Brasil estava crescendo a 6,4%, gerando milhões de empregos. Os Estados Unidos já estavam entrando em crise, e todo dia aparecia na agência, lá: “Risco-Brasil sobe, risco-Brasil sobe, risco-Brasil sobe”. Eu ficava procurando: “Cadê o risco americano?” E não tinha risco americano, era só o Brasil que tinha risco, a Argentina, o Chile.

Eu só queria... Possivelmente porque o país que tem a máquina de produzir dólar corre menos risco do que nós que temos pesos e reais, ou seja, não temos a mesma sorte. Mas, de qualquer forma, eu penso que essa crise é



uma crise já conhecida, não sabemos ainda o tamanho dela onde vai, mas ela já é conhecida.

E o que mais me preocupa, Michelle, é não perder a capacidade política de representar a sociedade. Porque se nós não dermos respostas, sobretudo àquilo que é essencial. As pessoas mais pobres do mundo não querem comprar dólar, não querem... elas querem comer, elas querem estudar, elas querem coisas simples. Então, se nós perdermos isso, essa crise vai virar de proporção muito grande, e eu não quero que comece a cair primeiros-ministros pelo mundo afora, presidentes ou coisa parecida. Nós temos que consertar.

É com essa intuição que eu vou ao G-20, meu caro Gordon Brown. E tenho certeza que é a intuição da Cristina. Nós vamos lá para tentar colaborar, para tentar fazer uma proposta concreta, que a gente possa sair de lá e dizer: “Bom, daqui a três meses a gente vai começar a melhorar”. E o que nós queremos? Se a crise nos países ricos se estabilizar, ou seja, se o buraco não for mais fundo, já é uma esperança muito grande.

Por isso que o desafio de vocês é maior, porque no meu caso, Michelle, eu queria te dizer que quando eu falo que o Brasil foi um dos últimos – talvez aqui na América do Sul todos nós fomos os últimos países a entrar na crise – eu não tenho dúvida de que nós vamos sair da crise mais fortes do que entramos.

Nós não deixamos de fazer nenhum investimento público. Nós estamos com um programa de US\$ 300 bilhões até 2013, nós estamos com um forte programa na área de investimento em infraestrutura, nós estamos fazendo um forte investimento na área de educação. Nós temos um déficit público de apenas 1,5% do PIB, portanto, é muito pequeno. Temos uma dívida pública de apenas 35% do PIB. Então, há uma margem, eu acho que em muitos países, uma margem de manobra de utilizar um pouco os recursos que nós guardamos para que a gente possa desenvolver as nossas economias e porque temos um mercado interno mais carente do que a Noruega, certamente. O nosso



mercado interno precisa de muita coisa.

Estamos fazendo política de recuperação da indústria automobilística, que voltou a crescer. Está trabalhando até no sábado, já. Estamos trabalhando um grande projeto na construção civil.

Agora, uma coisa que é sagrada é que nós não abriremos mão de nenhum centavo das políticas sociais. Não abriremos mão. Eu estou convencido de que nós não temos o direito de fazer com que um único pobre pague por uma crise que ele não tem nenhuma responsabilidade.

Agora, acho que os banqueiros precisam arcar com a responsabilidade, porque descolar o sistema financeiro do setor produtivo é uma lição de vida que eu espero que no século XXI, os governantes que vierem depois de nós, garantam que alguém, para ganhar um dólar, um real ou um peso, tenha que produzir nem que seja um pedaço de papel ou um palito de dente. Ele não pode ganhar dinheiro especulando em papéis, que depois especula com outros papéis. Eu pego um papel, vendo para o Gordon Brown, que vende para a Michelle, que vende para o Joe, que vende para a Cristina, ou seja, o papel não gerou nada e gerou bônus para um monte de especuladores, quase todos jovens *yuppies* de 30 anos, que viviam dando palpite nas nossas economias.

Eu ia fazer debate em Londres e em Nova Iorque, e juntava lá um grande grupo de economistas para debater comigo, e daqui a pouco eu via aqueles jovens todos, bem informados, dando palpite sobre a Bolívia, e não sabiam onde ficava a Bolívia, dando palpite sobre o Brasil. Quer dizer, nós precisávamos colocar...

Estou muito à vontade porque esta reunião aqui está permitindo, meu caro vice-presidente e meu caro Gordon Brown, que a gente não esteja fazendo uma reunião onde nós estamos chorando e dizendo: "Gordon Brown, o Brasil precisa de dinheiro". Não, não estamos querendo. Não estamos pedindo nada, queremos apenas normalizar a economia mundial, normalizar o crédito. Se estiver normalizada, nós seguiremos em frente a trajetória que construímos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

nesses últimos anos.

É isso que eu espero que a gente construa no G-20.

(\$211B)